

Comitê de credores arrecada os US\$ 3 bilhões para o País

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — O presidente do Comitê de Bancos Credores do Brasil, William Rhodes, afirmou numa conversa informal com repórteres, em Washington, que está conseguindo reunir os US\$ 3 bilhões que são a parte sob sua responsabilidade no acordo preliminar concluído com o governo brasileiro, em Nova York, no começo deste mês. Disse também que no próximo dia 26, Dia de Ação de Graças, vencerá o prazo para que os bancos ganhem uma taxa de 0,125% extra no spread se voluntariarem-se para o novo pacote brasileiro.

Mas não haverá dificuldades para coletar os US\$ 3 bilhões até o dia 8 de dezembro, que é um prazo a ser cumprido pelo Comitê de Bancos Credores. Como disse "Bill" Rhodes, "em cinco anos e meio, nunca falhei". Ele já conversou com bancos suíços, ingleses, franceses e canadenses, e pôde então anunciar: "Estou otimista".

Os US\$ 3 bilhões, com mais US\$ 1,5 bilhão do Brasil, saldarão os juros atrasados com a moratória brasileira, sendo desembolsados em duas parcelas. Primeiro, o governo brasileiro entra com US\$ 500 milhões, e os credores, com US\$ 1 bilhão. Do lado internacional, "Bill" Rhodes está estimando a participação de 85 a 130 bancos, ou 85% dos credores — os restantes 15% são quase 500 bancos regionais.

"Bill" Rhodes não estava arredio e monossilábico com os repórteres, como quando em fases de negociações, porque o local do encontro foi a embaixada brasileira, em Washington, durante uma recepção para o presidente do Citicorp, John Reed, que recebeu, com o diretor-presidente do Jornal do Brasil, Manuel Francisco do Nascimento Brito, o prêmio Visconde de Cairu, que há oito anos é oferecido pela Varig, anualmente, a dois empresários, um brasileiro e outro estrangeiro.

Reed agradeceu o prêmio com um pequeno discurso em que lembrou sua passagem pelo Brasil, dos 11 aos 13 anos, e os "laços históricos" que o Citicorp mantém com o País, olhando então para um de seus diretores, o

ex-ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen, que participou da comissão que escolheu os premiados deste ano.

No livro sobre o Prêmio Visconde de Cairu distribuído após a premiação, uma declaração de John Reed chama a atenção: "Se me dessem a escolha entre ver o Brasil com um bom programa econômico e o Citibank ser pago mais rapidamente, eu não hesitaria: prefiro o bom programa econômico, pois a longo prazo é melhor para o Brasil e para o banco".

No texto em que a frase é destacada, explica-se que "o aspecto central da posição defendida por Reed é de que é preciso normalizar as relações entre os países devedores e o mercado de créditos voluntários, permitindo este voltar a fornecer novos créditos às nações em desenvolvimento". E num outro momento, acrescenta-se que "a postura do Citicorp em relação ao Brasil apóia também a proposta da política do presidente Sarney de se converter parte dos juros devidos pelo governo e iniciativa privada aos bancos estrangeiros em investimentos nas bolsas de valores".

Reed, em seu discurso, de improviso, e em inglês, falou que "as relações entre o Brasil e os Estados Unidos são fortes", dizendo que os dois países estão entrando "num período difícil e desafiador" — no caso dos EUA, por causa do déficit público. Mas tanto ele como o Citicorp "confiam no Brasil" e concluiu dizendo que as soluções para os problemas entre o governo brasileiro e os credores devem surgir dos "valores que estamos celebrando esta noite", entre eles, a confiança e a amizade.



Rhodes: 'Em cinco anos, eu nunca falhei'

ESTADO DE SÃO PAULO

20 NOV 1987

20 NOV 1987